

Afirmação e negação enfáticas através de coordenação

Carla Fernanda Ferreira Guedes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract

The present text intends to show that there are expressions that confirm negation and/or affirmation in European Portuguese which exhibit different properties of the ones described by Hagemeyer & Santos (2004) for this language and for Santome and by Martins (2006, 2007) for the European Portuguese. In particular they present a double-clause structure linked by coordination, although different in some syntactic aspects.

Keywords: neg doubling, emphatic affirmation, coordination, ellipsis.

Palavras-chave: dupla negação, afirmação enfática, coordenação, elipse.

Objectivo

A presente comunicação¹ pretende mostrar que existem, em Português Europeu, (daqui em diante PE), expressões de confirmação da negação ou da afirmação que apresentam propriedades diferentes das já descritas por Hagemeyer e Santos (2004) para o PE e para o Santomense e por Martins (2006, 2007) para o PE, nomeadamente apresentam uma estrutura bioracional ligada por coordenação.

1. O problema

As construções que nos propomos descrever estão exemplificadas em (1) e (2); estas estruturas aproximam-se da negação e da afirmação enfáticas já estudadas para o PE nalguns aspetos, mas distinguem-se delas por várias propriedades, sendo a mais notória a presença de coordenação copulativa:

(1) Ele veio à festa e veio.

(2) A menina não vai à festa e não.

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 285-296, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Agradeço a três revisores anónimos pelas críticas e sugestões e ainda à Professora Ana Maria Brito pela leitura de uma versão preliminar deste trabalho e pelas suas sugestões de correção.

Em (1) temos a repetição de um V precedido de um conector coordenativo “e”; em (2) temos o advérbio negativo e não temos a repetição do V. Porque as duas construções apresentam diferenças importantes, referiremos a primeira como a **construção I** e a segunda como a **construção II**.

1.1. A construção I

A construção I é uma forma de confirmação do valor afirmativo da primeira frase, isto é, uma forma de afirmação enfática.²

Repare-se que esta mesma construção pode assumir outras formas, talvez mais comuns, surgindo associadas a expressões que sublinham o seu carácter imperativo/confirmativo, como é ilustrado nos exemplos (3)-(6):

- (3) Comes e comes.
- (4) Ai comes e comes.
- (5) Comes e comes mesmo.
- (6) Ai comes e comes mesmo.
- (7) Ai comes, mas comes mesmo.

Em (7), constata-se que o “mas” não tem uma natureza contrastiva e sim aditiva ou copulativa, ligada à ideia de reforço. De acordo com Matos e Prada (2005)³, as construções adversativas podem apresentar valores cumulativos de restrição, exclusão, adição e reforço. Neste exemplo, o facto de o segundo termo “comes mesmo” estar sob o escopo da conjunção adversativa faz com que adquira um novo conteúdo: o de intensificação da propriedade explicitada. A ser assim, ainda que o segundo termo apresente o mesmo material lexical do primeiro, a proposição iniciada pela adversativa pode ser sentida como um reforço da proposição descrita na primeira parte da construção.

Por outro lado, podemos também salientar que, por vezes, este tipo de frases denota uma espécie de “ameaça”, caso a vontade imperativa do seu emissor seja contrariada. Assim, não é pouco frequente este tipo de frases vir acompanhado de expressões como as apresentadas em (8) e (9):

- (8) Comes e comes. Se não comes a bem, comes a mal.

² A necessidade de verificar se estas frases seriam de uso comum em PE levou à realização de um inquérito muito informal ao corpo docente de um agrupamento de escolas. O inquérito foi enviado via e-mail numa plataforma *online*, tendo obtido resposta de docentes de origens diversas (Angola, Brasil, Madeira, Beiras, Vila Real, Trás os Montes, Lisboa, Algarve e Alentejo). Aparentemente, estas frases não trouxeram qualquer estranheza a quem as leu, muito pelo contrário, trouxeram à memória vivências do passado, da infância e adolescência suas ou dos seus filhos. No entanto, obtive também alguns comentários, no sentido de que estas construções estariam a cair em desuso devido ao excesso de permissividade dos pais atuais...

³ Matos e Prada (2005) terá sido um dos primeiros trabalhos a abordar “mas” como uma estrutura de ênfase com coordenação. No entanto, o estudo não fornece uma análise estrutural da construção.

(9) Vais e vais mesmo, nem que seja de rastos/pelos cabelos.

Comparando com outras línguas, o Inglês (oral) pode apresentar exemplos como os de (10a) e (10c) com um sentido de reforço da afirmação ou da negação, tendo as frases sentidos paralelos aos de (10b) e (10d):

- (10) (a) He is going to the party *and that's that/ and that's it/ and that's settled/and that's final.*
 (b) He is definitely going to the party.
 (c) You are not going to the party *and that's that/ and that's it/ and that's settled/and that's final.*
 (d) You are definitely not going to the party.

1.2. Construção II

No caso da **construção II**, temos confirmação do valor negativo da primeira frase, através de uma construção que evidencia elipse de frase (apenas se mantendo o marcador de polaridade negativa, o advérbio de negação *não*) e a construção é mais fixa (11a) (=2); de qualquer modo, é também possível encontrar uma expressão de reforço ou de focalização (11b):

- (11) (a) A menina não vai à festa e não.
 (b) A menina não vai à festa e não mesmo.

O problema que se coloca é que estrutura atribuir às construções I e II. Antes de caracterizarmos com detalhe estas duas construções, vamos procurar, na parte 2, fazer o ponto da situação relativamente à afirmação e negação enfáticas em PE, a partir dos trabalhos de Hagemeijer e Santos (2004) e Martins (2006), (2007).

2. A negação e a afirmação enfáticas em PE nas análises de Hagemeijer & Santos (2004) e Martins (2006), (2007)

A negação e a afirmação enfáticas em PE foram já objeto de estudo por linguistas portugueses. Em particular Hagemeijer & Santos (2004: 468-70) analisaram aquilo que designam como “negação descontínua” (através da presença de uma “Neg2”) (12) e a afirmação enfática (13):⁴

- (12) O João não come peixe [/] não.
 (13) O João come peixe [/] come / sim / é.

⁴ Os exemplos que a seguir se apresentam foram retirados de Hagemeijer & Santos (2004: 468-470).

Para Hagemer & Santos, o PE exibe, para além de uma marca de negação pré-verbal, estruturas em que a negação pós-verbal, que denominam de “Neg2”, é legitimada em contextos em que a proposição foi ativada no discurso anterior e apresenta um valor de intensificação da negação (12). A ser assim, esse Neg2 em PE ocupará, segundo os autores, uma posição periférica na estrutura da frase, o que se pode constatar pela agramaticalidade de (12a), em confronto com a boa formação de (12b):

- (12) (a)* O João não come [/] não peixe.
 (b) O João nunca come peixe [/] não.

Segundo os mesmos autores, em PE, Neg2 pode coocorrer com palavras negativas, como em (12b), e ainda em (14):

- (14) O João não viu ninguém na festa [/] não.

e delimita o escopo da negação: em (15) a presença de *não* pode ser ambígua entre duas interpretações (escopo sobre toda a proposição versus escopo sobre o adverbial):

- (15) O Pedro não foi à escola por causa do aniversário.
 Int 1. O Pedro não foi à escola e isso aconteceu por causa do aniversário.
 Int 2. Não foi por causa do aniversário que o Pedro não foi à escola.⁵
 (16) O Pedro não foi à escola por causa do aniversário [/] não.
 Int 2. Preferencial
 (17) O Pedro não foi à escola [/] não[/] por causa do aniversário.
 Int 1. Única

Além disso, é sensível a foco:

- (18) Só o João não comeu peixe [/] ?? não.

Em relação à afirmação enfática, ilustrada em (13) e repetida em (19), vemos que “come”/ “sim”/“é” ocupam uma posição periférica, tal como em (20) “sim”/“é”/“disse”:

- (19) O João come peixe [/] come/sim/é.
 (20) O João disse que ia ao cinema [/] sim/é /disse.

Este tipo de afirmação enfática também desencadeia efeitos de escopo (cf. (21) e (21')):

⁵ Como um revisor assinalou, a interpretação 2 tem que comportar o advérbio de negação *não*, embora em Hagemer & Santos (2004: 468), talvez por distração, tal advérbio não ocorra.

(21) O Luís vai ao congresso porque quer passear [/] vai /sim /é.

Int. É verdade que é porque quer passear que o Luís vai ao congresso.

(21') O Luís vai ao congresso [/] vai/sim/é [/] porque quer passear.

Int. É verdade que o Luís vai ao congresso e isso acontece porque quer passear.

- é também sensível a foco (22):

(22) Só o João comeu o peixe [/] só/foi/ ?? comeu.

- e pode ser aproximada de “tags” (Hagemeijer & Santos 2004, pp. 469-70):

(23) O João não come peixe[/] pois não?/ come? / não?/ não é? (tag sobre frase negativa)

(24) O João come peixe [/] pois come?/ não come?/ come?/ não é? (tag sobre frase afirmativa).

Com base nas propriedades apontadas, Hagemeijer & Santos defendem para (12) e (13) uma adjunção básica à direita a uma categoria alta, como representado em (23) e (24): as tags e a afirmação enfática descrita em (24) são consideradas estruturas elípticas; já em (23) “não é claro se a estrutura representa um caso de elipse” (Hagemeijer & Santos 2004: 473):⁶

(23) [_{XP} [XP] [_{ΣP} [{ sim, é / foi, não, não é, n' é }]]]

(24) [_{XP} [XP] [_{ΣP} ... [NEGP [NEG [não - verbo / verbo] [TP -]]]]

Martins (2006, 2007), estudando de novo a afirmação enfática, como em (25), rejeita que o V reduplicado esteja numa posição de adjunção a uma categoria alta, desenvolvendo uma análise em que a afirmação enfática resulta da combinação de movimento do verbo para Σ [+afirmativo] por cópia e subsequente movimento do V para C [+enfático], seguido de reanálise morfológica de C, que torna o V adjunto imune à supressão.

(25) Saiu, saiu.

No que respeita à afirmação discordante enfática, a autora estabelece uma comparação entre o PE e o PB, concluindo que o segundo é mais restritivo do que o primeiro, no que concerne aos meios para exprimir afirmação enfática. Enquanto ambas podem reforçar a afirmação pela simples colocação de “sim” em posição final de frase,

⁶ Mantere ao longo do artigo as siglas em Inglês.

como em (26i), a reduplicação verbal é um fenómeno que se restringe ao PE, tal como comprova (26ii).

- (26) O João não comprou o carro, pois não?/comprou?
 (i) Comprou sim – OK PE PB
 (ii) Comprou, comprou – OK PE *PB

Segundo a autora, as estruturas de duplicação do verbo só são possíveis se o verbo se puder mover para Σ (para verificar traços de polaridade) e também para C (para verificar traços de ênfase) e como o PB não tem movimento de V para C, frases como (26ii) são agramaticais. Isto significa que a autora propõe que frases com reduplicação de V só acontecem em línguas com movimento de V para Σ e de V para C.⁷

A autora defende que a reduplicação verbal não é compatível com a negação, veja-se (28) e (29); pelo contrário, tratando-se de uma simples repetição, numa estrutura bi-oracional, a repetição é permitida (30):

- (27) O João ganhou o Euromilhões.
 (28) *O João não ganhou o Euromilhões, ganhou.
 (29) * O João não ganhou o Euromilhões não ganhou.
 (30) O João não ganhou o Euromilhões. Não ganhou (infelizmente).

Um dos argumentos apresentados por Martins em favor da sua análise é a impossibilidade de a reduplicação de V se fazer com Vs “compound-like” como *fotocopiar* em (31) ou com prefixos pesados do tipo de *pré-*, *pós-*, *contra-*:

- (31) A. Ele não fotocopiou o livro sem autorização, pois não?
 B. ?? Fotocopiou, fotocopiou.
 (32) A. O candidato não contra-atacou, pois não?
 B. ?? Contra-atacou, contra-atacou.

Para a autora, exemplos como (31), formados com verbos compostos como “fotocopiar”, “manuscrever”, “maltratar”, tornam estranha a reduplicação verbal, uma vez que o elemento repetido tem que ser curto e breve. Essa estranheza parece mais evidente quando comparada com um tipo diferente de resposta enfática que não inclui

⁷ Para além disso, a autora adota a perspetiva de que um núcleo forte implica visibilidade na estrutura de superfície, isto é, se lexicalizado. Defende ainda que a realização fonética dupla de V é possível porque a cópia mais alta passa por um processo de reanálise morfológica com C e torna-se invisível ao LCA (Axioma de Correspondência Linear de Kayne 1994). Quando Σ incorpora em C pode trazer uma palavra afirmativa (“polarity head”), ou pode trazer o verbo (originando reduplicação verbal onde duas cópias da cadeia verbal acabam fonologicamente realizadas). A autora defende ainda um paralelo entre as frases afirmativas e negativas, isto é, todas as orações incluem um núcleo funcional com enquadramento de polaridade, Σ ou Pol em ΣP ou PolP.

reduplicação verbal: a resposta com V-*sim*. Segundo a autora, (33) não envolve fusão, pelo que só uma cópia do verbo surge à superfície:

(33) C. Fotocopiou sim.

Outro argumento relaciona-se com a aplicação de sonorização ou não sonorização sempre que uma sibilante antecede um V reduplicado iniciado por vogal. Como se sabe, em PE a fricativa dental [s] é fonologicamente realizada como [ʃ], [z] ou [ʒ] quando ocorre em coda silábica. A palatal surda [ʃ] surge antes de uma consoante surda e em posição de final de palavra antes de uma pausa. O [ʒ] surge antes de uma consoante vozeada (como em “osgas grandes”). A produção da dental vozeada [z] é possível quando a coda fricativa é seguida de palavra iniciada por vogal e não existe pausa a separá-las (como em “três amigos”). Ora, a realização fonológica da fricativa dental em posição de coda fornece elementos necessários, segundo a autora, para testar se existe ou não uma quebra prosódica antes da segunda ocorrência do verbo nas estruturas de reduplicação verbal em PE. Em (34), existe uma pausa prosódica entre os dois verbos e por isso a realização da sibilante é [ʃ]:

(34) Anda[ʃ]. Anda [ʃ] sim.

Pelo contrário, em (35), em que não há quebra a separar os dois V, o que se espera é a realização [z]:

(35) Anda[z] anda [ʃ].

(36) *Anda[ʃ] anda [ʃ].

Depois de termos apresentado em linhas gerais as análises de Hagemer & Santos e Martins para a afirmação e negação enfáticas em PE, vamos agora analisar as construções ilustradas em (1) e (2), que diferem das analisadas por estes autores pela presença de uma estrutura de coordenação, como já assinalámos.

3. Análise das construções I e II com conector coordenativo

Começamos pela análise da construção I, a afirmação enfática através de “e V”:

Construção I

São as seguintes as principais propriedades da construção:

- a conjunção coordenativa está presente; em caso de uso de *mas*, parece que a conjunção perde o sentido contrastivo;
- o segundo V surge numa posição final e periférica; quer dizer, em geral é apenas o V que é reduplicado na construção I; a presença de outros constituintes da 2ª oração parece estar muito dependente de elementos de focalização expressos:

- (37) * Tu foste avisada e foste avisada.
 (38) Tu foste avisada e foste. Não teimes!
 (39) Tu foste avisada e foste avisada mesmo!

Compare-se com idênticos exemplos de Martins (2007: 6):

- (40) * Tu foste avisada, foste avisada.
 (41) Tu foste avisada, foste.

Sendo assim, neste aspeto, a construção I aproxima-se da afirmação enfática estudada em Martins (2006, 2007), como em (25).⁸

- a construção combina-se com outros marcadores de afirmação enfática:

- (42) Ele veio à festa e veio, sim!
 (43) Foste avisada e foste, sim!

- a presença de Vs “compoundlike” e de prefixos pesados parece estar algo condicionada, mas não o suficiente para considerar os exemplos agramaticais (veja-se (44) e (46)); no entanto, em contexto imperativo os exemplos são sempre mais aceitáveis (45) e (47):

- (44) ? Fotocopiaste o texto e fotocopiaste, (que eu) lembro-me muito bem.
 (45) Fotocopias e fotocopias (mesmo)!
 (46) ? Ele pré-inscreveu-se e pré-inscreveu-se (mesmo).
 (47) Pré-inscreves-te e pré-inscreves-te, está decidido!

Veja-se ainda o exemplo (48), em que a leitura parece ser de sequencialização temporal, mais do que de afirmação enfática:

- (48) # No debate, o candidato contra-atacou e contra-atacou, nem imaginas!

- não há restrições nem quanto ao uso do futuro, veja-se (51), nem quanto ao uso de clíticos, em (52), ao contrário do que acontece na construção VV, em (50):

- (49) Ele não atacará o candidato, pois não?
 (50) ?? Atacará, atacará.
 (51) A. Eu acho que ele não atacará o candidato.
 B. Pelo contrário, atacará e atacará mesmo! / com força!

⁸ Também estruturas com [auxiliar+V] parecem estar restringidas neste tipo de construções:

- (i) Ele vai vir à praia, vai vir.
 (ii) *Ele vai vir à praia e vai vir.
 (iii) ? Ele vai vir à praia e vai.
 (iv) Ele há de vir à praia e há de.

(52) A. Não me devolveste o livro que eu te emprestei, pois não?

B. Ai sim, sim, devolvi-to e devolvi-to mesmo! // ontem/no mesmo dia.

- nestas construções opera sistematicamente um mecanismo de sonorização se a forma verbal terminar em sibilante, devido à presença do “e” [i]:

(53) Entra[z] e entra[j].

(54) Anda[z] e anda[j].

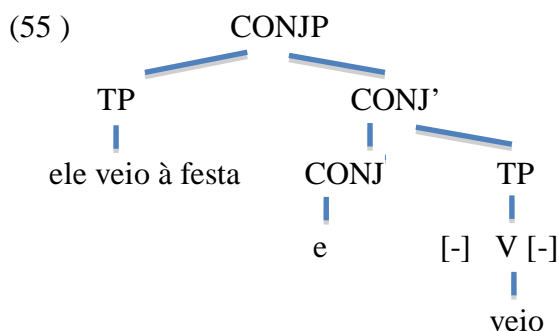
Recorde-se que Hagemijer & Santos analisam casos de afirmação enfática, negação enfática e tags como uma estrutura periférica à direita de uma projeção alta, que não chegam a identificar, XP (ver as representações (23 e (24)). Por sua vez, Martins, estudando exclusivamente a reduplicação do V em afirmação ou negação enfática, desenvolve a ideia de que tudo se passa em Σ P e CP. A este propósito, refira-se que a proposta de Martins parece trazer algumas vantagens em relação à análise de Hagemijer & Santos 2004 para as construções estudadas, porque explica por que razão as línguas românicas sem movimento do verbo para C ou sem movimento para a cabeça Σ não permitem a expressão sintática de afirmação enfática através da reduplicação do verbo (veja-se PE versus PB). Por outro lado, a análise prevê a existência de restrições fonológicas sobre a reduplicação de V, defendendo que a fusão em C é o que permite a dupla realização de cópias do verbo. Do mesmo modo, a incorporação entre V e neg não tem como resultado reduplicação de “neg V”. Comprova, ainda, que a inexistência de uma quebra prosódica que isole o constituinte mais à direita (isto é, a segunda manifestação fonológica do verbo) é consistente com a defesa de que não se trata de adjunção à direita.

Ora as construções que estamos a analisar não apresentam quase nenhuma das propriedades que Martins descreve nas construções de reduplicação do V, porque um conector de coordenação está sempre presente, marcando de forma clara uma fronteira de frase. Por essa razão, as nossas construções não deverão ter a estrutura preconizada nem em Hagemijer & Santos nem em Martins para a afirmação e negação enfáticas.

Adotaremos o tratamento de Kayne (1994), Johanessen (1998) e Matos (2003) para a coordenação e defenderemos que a primeira oração (TP), o 1.º membro coordenado, está em posição de especificador de ConjP e a 2.ª oração (TP) ocupa a posição de complemento de ConjP.⁹ Em frases do tipo de (1), geralmente resultantes de discursos dialógicos, de natureza imperativa/confirmativa, estamos perante estruturas de coordenação de duas orações, onde há SU nulo e onde opera elipse de VP (se, como propõe Matos 1992, o V sobe para T e o VP é elidido), embora a estrutura argumental do V seja recuperável pelo contexto linguístico. A conjunção coordenada “e” estabelece a fronteira entre as duas orações.

⁹ O tratamento da coordenação em termos de *Especificador – núcleo – complemento* foi proposto pela primeira vez para o português em Matos (1995).

Senso assim, a estrutura (55) representa, muito simplificada, a ideia central da análise:¹⁰



Construção II

Recordemos alguns exemplos ilustrativos da Construção II.

(2), repetido em (56), e ainda (57) e (58) marcam de forma imperativa o reforço da negação da primeira frase, apresentando-se quase como uma proibição perentória:

(56) A menina não vai à festa e não.

(57) Tu não sais com esse rapaz e não.

(58) Eu não te deixo ir e não.

Por outro lado, são possíveis exemplos como (59) e (60), onde apenas assistimos ao reforço da negação, sem qualquer carga imperativa:

(59) Podes vir, eu não vou sair e não.

(60) Podes ficar com o dinheiro, eu não vou comprar o livro e não.

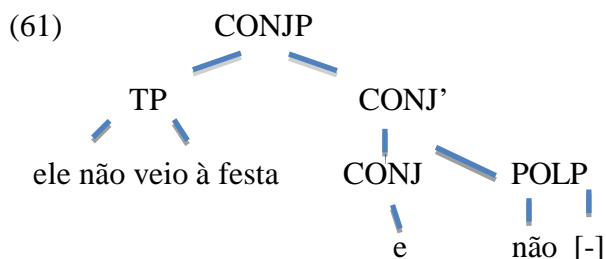
Em qualquer dos casos, a construção II representa uma confirmação do valor negativo da primeira frase, através da presença do advérbio de negação *não*. Ao contrário da Construção I, em que há elipse do predicado (elipse de VP), na Construção II há elipse de toda a frase (TP). Uma vez mais, a conjunção coordenativa está presente e é o segundo elemento negativo “não” que permite o apagamento de TP.

Em qualquer dos casos a legitimação da frase elíptica depende da identificação do seu núcleo T; isto é, T da frase antecedente identifica localmente o T da frase elítica. Quanto à negação: sendo “não” um item de polaridade negativa, ele parece ocupar aqui

¹⁰ Numa construção com “mesmo”, a posição pós-verbal deste advérbio focalizador talvez possa ser explicada se ele ocupar na base uma posição de focalização de VP; com movimento de V para T derivar-se-ia a posição pós-verbal de “mesmo”.

uma posição na periferia esquerda da frase, possivelmente como núcleo de ΣP ou PolP (Martins 1994, Zanuttini 1991).¹¹

Propõe-se, então, a seguinte estrutura:¹²



Conclusão

Neste trabalho pretendeu-se mostrar que o PE apresenta construções de confirmação da negação ou da afirmação que exibem propriedades diferentes das descritas por Hagemer & Santos (2004) e por Martins (2006, 2007), uma vez que comportam uma conjunção de coordenação.

Na Construção I temos essencialmente confirmação da afirmação através de uma coordenação com elipse de VP.

A construção II exprime confirmação da negação, envolvendo um advérbio de negação que marca o valor negativo da segunda parte da construção e que torna possível a elipse de todo o domínio oracional (TP), ocupando o advérbio de negação uma posição periférica que parece ser núcleo de ΣP ou PolP.

Em qualquer dos casos, é inegável que estas construções, embora marcadas pela oralidade, estão disponíveis em PE como formas de afirmação e negação enfáticas.

As construções analisadas são estruturas bem diferentes das que têm sido analisadas na literatura referida, uma vez que a presença do conector “e” faz toda a diferença.

Referências

- Hagemer, Tjerk & Santos, Ana Lúcia (2004) Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags. In Freitas, T. & Mendes, A. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*,. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 465-476.
- Johannessen, Janne (1998) *Coordination*. Oxford: Oxford University Press.
- Kayne, Richard (1994) *The antisymmetry of Syntax*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Martins, Ana Maria (2006) Emphatic affirmation and polarity: contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish, Catalan and Galician. [Selected

¹¹ Por envolver elipse de TP, a construção aproxima-se neste aspeto do que Matos (1992, 2003) designa Despojamento (*A Maria disse que sim, A Maria disse que não.*).

¹² A coordenação exige um certo paralelismo, que neste caso é garantido pela presença de TP e PolP, duas projeções fráscas.

- Papers from *Going Romance 2004*, Leiden], ed. by J. Doetjes and P. Gonzalez. John Benjamins, pp. 1-32.
- Martins, Ana Maria (2007) Double realization of verbal copies in European Portuguese emphatic affirmation. In Corver, N. & Nunes, J. (orgs.) *The Copy Theory of Movement*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 77-118.
- Mateus, Maria Helena *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5a ed. Lisboa: Caminho.
- Matos, Gabriela (1992) *Construções de Elipse do Predicado em Português: SV Nulo e Despojamento*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela (1995) Estruturas Binárias e Monocêntricas em Sintaxe — algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. In *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*,. Lisboa: Edições Colibri, APL, pp. 301-315.
- Matos, Gabriela (2003) Estruturas de Coordenação. In Mateus, Maria Helena *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5a ed. Lisboa: Caminho, pp. 549-592.
- Matos, Gabriela e Edite Prada (2005) Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas. In Duarte, Inês & Isabel Leiria (orgs.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 701-713.
- Zanuttini, Raffaella (1991) *Syntactic Properties of Sentential Negation. A Comparative Study of Romance Languages*. Tese de Doutoramento, Universidade de Pensilvânia.